



Teoria e prática como caixa de ferramentas: para pensar desusos no ensino de artes visuais

Daniela da Cruz Schneider¹

Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

Priscila Monteiro Chaves²

pripeice@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

Resumo: O presente trabalho tem por finalidade discutir a relação de imanência entre teoria e prática, deslocando tal problematização para o campo do ensino das artes visuais. O estudo vem se desenvolvendo através de pesquisa teórico-bibliográfica, utilizando-se de referencial pós-estruturalista no campo educacional, sobre tudo do arcabouço conceitual do filósofo Gilles Deleuze. O texto estrutura-se em dois eixos: o primeiro trata da teoria educacional como possível caixa de ferramentas, a partir de uma perspectiva deleuziana; o segundo, busca na potência do roubo, do roubo teórico, a possibilidade de criação de novas teorias, que desencadeiam em produção de diferença na prática pedagógica.

Palavras-chave: Ensino de arte; teoria e prática; filosofia da diferença.

Introdução

Seguidamente escutamos a célebre frase teoria e prática são indissociáveis. Isso percorre o campo educacional e, como não seria diferente, chega também ao território do Ensino da Arte. Na prática artística esta máxima se faz valer no momento em que o artista elabora seu trabalho e, ao mesmo tempo, o formula como teoria, como texto de si. Matizado pela sistematização didática do campo educacional, o Ensino de Artes Visuais considera tal premissa, mas muitas vezes não a vemos ser seguida.

Diferentes metodologias e didáticas do ensino da arte foram sendo suplantadas, uma após a outra. Muitas vezes uma procurando ser superação da outra. Percorrendo muitos dos livros e textos acerca da trajetória do ensino de arte, pode-se pensar que ao surgir uma nova concepção de ensino, a outra era automaticamente

¹ Atualmente professora do Centro de Artes, da Universidade Federal de Pelotas. Atuando na área de Didática e Metodologias do Ensino da Arte. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pelotas.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pelotas. Licenciada em Letras Port-Francês pela Universidade Federal de Pelotas.



eliminada. No entanto, ainda que muitas destas teorias tenham procurado firmarem-se como superação completa da precedente, o que notamos é a coexistência destas teorias no campo da prática. Muitas vezes, combinadas, criando certos hibridismos. Atentando para a constatação de Hernández (2000) – entre tantos outros pesquisadores e teóricos - que aponta para esta coexistência, este trabalho procura mostrar a potência da composição de teorias, ou de fragmentos destas teorias, que podem permitir criações e variações na prática de ensino.

A discussão aqui apresentada advém de resultado parcial de pesquisa para elaboração de tese doutoral. Tal tese defende que a educação tem um coeficiente de criação, buscando distanciar-se da concepção de educação como mera reprodução e formatação de sujeitos. Desta forma, parte da concepção aqui ensaiada, de que a educação se dá pela composição criadora de modos de fazer e de fazer pensar. Esse estudo vem se desenvolvendo através de pesquisa teórico-bibliográfica, a partir de teorias pós-estruturalistas no campo educacional. Utiliza-se, mais especificamente, de conceitos do filósofo Gilles Deleuze.

Para defender a proposta deste estudo, este texto estrutura-se em dois eixos: o primeiro trata da teoria educacional como possível caixa de ferramentas, a partir de uma perspectiva deleuziana; o segundo, busca na potência do roubo, do roubo teórico, a possibilidade de criação de novas teorias, que desencadeiam em produção de diferença na prática pedagógica.

Da teoria como caixa de ferramentas

Irene Tourinho (2012) aponta para uma suposta dicotomização do pensamento acerca do ensino da arte, que coloca frente à prática a necessidade escolha:

Ainda ficamos, muitas vezes, como que impelidos a escolher entre um dos dois elementos do mundo do ensino da Arte (expressividade x técnica?; tradição x inovação?; diversão x aprendizagem?; mito x profanidade?; mágica x estrutura?) como se, na arte, um fosse asséptico ao outro, como se não existissem equilíbrios insustentáveis ou apenas um desses elementos fosse potencialmente 'educativo'. (TOURINHO, 2012, p.34).

A trajetória do ensino da arte no Brasil está permeada desta bipolarização: em reação a uma pedagogia tradicional, viu-se o surgimento de um ideal espontaneísta e de viés expressionista; da liberação a tecnização, a um ensino de arte voltado para a



formação profissional; da crescente insatisfação com a submissão da área de arte no campo escolar aos interesses econômicos e políticos, do descontentamento a polivalência, surge a defesa da arte como área do conhecimento, em amparo ao respeito e consolidação da área como campo de conhecimento que tem suas especificidades (BIASOLI, 1999). Cada uma destas teorias posicionou-se como superação a precedente, procurando estabelecer novas metodologias para ensinar e praticar a arte na escola. Cada uma destas teorias correspondeu a um sistema ideológico de pensamento, engendrado dentro de um contexto político, econômico e social.

Operando através de generalizações – em um sobrevoo panorâmico – pode-se observar que estas teorias não foram totalmente superadas umas pelas outras. Estão presentes nas aulas de artes visuais ao mesmo tempo, estabelecendo uma relação de coexistência. Estão enraizadas e entrelaçadas umas às outras, desconectadas, muitas vezes da perspectiva teórica da qual partiram: do desenho livre ao desenho de observação, mas também do desenho geométrico à reprodução de estamparias; do recorta e cola a leitura e releitura de obras – que acaba esgotando-se em mera reprodução da obra trabalhada (PILLAR, 1999). Não se trata aqui, com este trabalho, defender este tipo de bricolagem teórica. Estas generalizações e esvaziamento das teorias despotencializa o ensino da arte. A pergunta que fica é: o que pode o ensino da arte na educação escolar? A postura assumida e defendida aqui é a de que pode ir para além deste magro uso da teoria, que a faz perder potência de criação e ampliação de mundos, que é frágil na tarefa de possibilidade de experiências com a arte.

Gilles Deleuze (ano), em uma conversa com Michel Foucault, abordou a teoria como uma caixa de ferramentas:

Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou. Não se refaz uma teoria, fazem-se outras; há outras a serem feitas. (DELEUZE, 1979, p.71).

Fazer desusos da teoria. Fazê-la tornar-se outra, criar. Entre um polo e outro – a expressividade e a técnica, a diversão e a aprendizagem, o mito e a profanidade, o



romantismo e a razão – operar deslocamentos e deslizamentos nas teorias educacionais, que nos permitam criar outros modos de proceder, a partir de teorias educacionais que se posicionam “entre”, que se situam nos desusos teóricos produtores de outras práticas.

O desenho livre é execrado pelas pedagogias contemporâneas da arte. Condenado pelo seu esvaziamento de conteúdo, que arrasta o ensino da arte para a deslegitimação do campo como área do conhecimento. Mas será a atividade em si do desenho livre o problema? O peso histórico que recai sobre a atividade, a faz ser excluída das aulas de arte. Mas fica a tensão: não será o desenho livre potente? O mesmo ocorre com o processo de releitura de obras e imagens: será que toda a releitura é cópia? E não sendo, não terá sua potência? A problematização que se ensaia aqui é que certas atividades tradicionalizadas e crivadas por certas teorias acabam não sendo reapropriadas e recriadas no interior e a partir de novos pensamentos educacionais. O desuso do desenho livre. O desuso das releituras. O desuso das colagens. Usar o martelo para outra coisa que não martelar! Proceder por roubos dentro das teorias instituídas, buscando intercessores para criar novas possibilidades de fazer/ensinar.

Do método pelo roubo: pick-up

Então, da relação com a teoria, sobretudo aquelas que já se fazem tradição, pode-se operar por roubos. E o roubo é uma ação pela conveniência: roubar aquilo que me serve, da maneira que for, com o uso que for. O roubo é criação por deslocamento, uma desapropriação, que cria utilidade em um novo território: “achar, encontrar, roubar, ao invés de regular, reconhecer e julgar. Pois reconhecer é o contrário do encontro” (DELEUZE e PARNET, 1998, p.16).

Já não se trata de valorar as teorias que por aí existem e persistem, se não de encontrar-se com elementos destas teorias, com fragmentos que vão ao encontro daquilo que busco dar vazão, que busco criar, daquilo que busco propor como prática pedagógica, como exercício de aproximação com a arte em ambiente escolar.



Dado um certo plano de ação, o primeiro procedimento desencadeia de afecção. Esta afecção toma força por meio de um encontro: encontra-se com aquilo que me é conveniente. A isso, Deleuze deu o nome de *pick-up*:

Pick-up é uma gagueira. Ela só vale em oposição ao cut-up de Burroughs: nada de corte, nem de dobra e de rebatimento, mas multiplicações segundo dimensões crescentes. O pick-up ou o duplo roubo, a evolução a-paralela não se faz entre duas pessoas, ele se faz entre ideias, cada uma se desterritorializando na outra, segundo uma linha ou linhas que não estão nem em uma nem na outra, e que carregam um 'bloco'. (DELEUZE e PARNET, 1998, p.26).

Fazer algo proliferar, por derivação e composição. Por isso uma dupla captura, uma desterritorialização um no outro. Aquilo com o que me encontro, também me encontra; aquilo que me captura é também por mim capturado. Cria em mim e cria também em si algo de novo, alguma diferença.

E é esta produção de diferença que interessa aqui. Uma diferença criada no interior das tradições pedagógicas do ensino da arte, que distorções, que fazem deslizar, que se fazem dissidentes daquelas, preestabelecidas e respaldadas pelo seu uso enraizado.

Considerações Finais

De forma sucinta e esboçada, o que busquei defender aqui é a imanência entre teoria e prática no território do ensino de arte. Teoria e prática passam uma pela outra e não são instâncias estanques. São produzidas através de produções de diferenças, compondo-se através de encontros, de afecções. A prática pedagógica em ensino de arte se potencializa neste pensamento, quando podemos criá-la através de desusos: fazer desusos de práticas e atividades que estão desgastadas pelo peso que carregam, pelo crivo de um olhar valorativo, que as reconhece com teorias que fazem tradição. Tradição esta que faz do ensino da arte, muitas vezes, lugar de reprodução e despotencialização da experiência sensível e que criadora que pode assumir a educação.



Referências

BIASOLI, Carmem Lúcia. *A Formação do professor de arte: do ensaio...à encenação*. Campinas (SP), Papyrus, 1999.

DELEUZE, Gilles. Os intelectuais e o poder. IN: FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PILLAR, Analice Dutra. Leitura e Releitura. IN: PILLAR, Analice Dutra (org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

TOURINHO, Irene. Transformações no ensino da Arte: algumas questões para uma reflexão conjunta. IN: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2012.